



## CERATITE ULCERATIVA SECUNDÁRIA A AGENTE QUÍMICO EM CÃO - RELATO DE CASO

Júlia de Carvalho Garcia<sup>1\*</sup>, Camila Rodrigues Borges<sup>1</sup>, Rafaela Freire Almeida César<sup>1</sup>, Hayane Junia Alves Rocha<sup>1</sup>, Martha Talita Ferreira Mendes<sup>2</sup>, Ana Lucinda Barcelos<sup>2</sup> e Claudine Botelho de Abreu<sup>3</sup>.

<sup>1</sup>Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Lavras - Unilavras – Lavras/MG – Brasil – \*Contato: [julia.cg@yahoo.com](mailto:julia.cg@yahoo.com)

<sup>2</sup>Médica veterinária – Lavras/MG – Brasil

<sup>3</sup>Docente do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Lavras - Unilavras – Lavras/MG – Brasil

### INTRODUÇÃO

A ceratite ulcerativa é uma lesão na córnea, que pode manifestar-se como superficial ou profunda<sup>1,2</sup>. A primeira afeta o epitélio, a membrana basal e, ocasionalmente, o terço superficial do estroma corneal<sup>3,4</sup>. Já a profunda, compromete camadas internas da córnea, incluindo o estroma, a membrana de Descemet e o endotélio. A principal causa associada são os traumas oculares, havendo poucos relatos sobre lesões químicas<sup>5,6,7,8</sup>. Assim, o presente trabalho tem como objetivo relatar um caso de ceratite ulcerativa secundária a agente químico em um cão.

### RELATO DE CASO E DISCUSSÃO

Foi atendido em um hospital veterinário na cidade de Lavras-MG, um cão macho da raça Bulldog francês, de 5 anos de idade, pesando 15,5 kg. O animal havia rasgado um saco de cimento e passou um tempo brincando com o material. No dia seguinte, apresentava-se apático, inapetente, com epífora fotofobia e blefaroespasmos em ambos os olhos. Ao exame físico, os parâmetros vitais estavam normais. O exame oftálmico revelou hipersensibilidade local e irregularidades na superfície da córnea de ambos os olhos. Após a coloração com fluoresceína sódica a 2%, evidenciou-se a perda do epitélio com exposição do terço superficial do estroma corneal (Figura 1).



**Figura 1:** Ceratite ulcerativa superficial em cão demonstrada pela aderência do corante (fluoresceína sódica a 2%) na córnea do animal. A: olho direito. B: olho esquerdo.

Como tratamento, foram prescritos colírios à base de hialuronato de sódio (1 gota em ambos os olhos, a cada 6 horas, por 7 dias) e diclofenaco (1 gota em ambos os olhos, a cada 8 horas, por 7 dias), soro heterólogo (1 gota em ambos os olhos, a cada 8 horas, por 7 dias), pomada oftálmica composta por acetato de retinol, metionina, cloranfenicol (a cada 8 horas, por 7 dias), pantoprazol (0,5mg/kg por via oral, duas vezes ao dia, por 7 dias) e dipirona (25mg/kg, por via oral, duas vezes ao dia, por 7 dias). Também foi recomendado manter o animal com colar elizabetano. Após 14 dias, houve melhora significativa no olho esquerdo, mas discreta no olho direito (Figura 2). Então, foi realizado debridamento ocular em ambos os olhos. Em 20 dias, houve cicatrização da úlcera, porém com a formação de nébolas, causando opacidade difusa com bordas indistintas.

Os sinais clínicos mais comuns de ceratite ulcerativa incluem, epífora, fotofobia, blefaroespasmos, hipersensibilidade, prurido e retração ocular<sup>5</sup>. No caso descrito, essas alterações foram cruciais para nortear a suspeita do quadro.

O diagnóstico é feito através do teste de fluoresceína, o qual é aderido ao estroma exposto, caracterizando a úlcera de córnea superficial<sup>2</sup>, assim como foi descrito no presente trabalho.

Em alguns casos de ceratite superficial, o tratamento tópico pode ser ineficaz devido à presença de um epitélio corneano danificado ou mal

aderido, o que impede a adequada penetração dos medicamentos e compromete a cicatrização. Assim, o debridamento é essencial para remover o tecido epitelial comprometido, expondo a superfície saudável da córnea. Isso facilita a ação dos medicamentos tópicos e estimula a regeneração correta do epitélio, promovendo cicatrização mais eficaz e duradoura<sup>6</sup>, como pode ser observado no paciente em questão.



**Figura 2:** Aderência do corante (fluoresceína sódica a 2%) em ambas as córneas do animal após 14 dias de tratamento, evidenciando melhora discreta em olho direito (A) e significativa em olho esquerdo (B).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse relato destaca a importância da anamnese na identificação da etiologia do quadro clínico. Ademais, o reconhecimento dos sinais clínicos facilitou consideravelmente o processo diagnóstico, permitindo manejo mais eficiente e direcionado. Ressalta-se, ainda, a necessidade de conscientização dos tutores sobre os riscos associados a substâncias irritantes, a fim de prevenir acidentes domésticos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- OLIVEIRA, Rafaela *et al.* **Corneoconjunctival transposition for treatment of ulcerative keratitis in dogs.** Research, Society and Development, [s. l.], 27 abr. 2024.
- REBESCHINI, D. *et al.* **Uso de soro autólogo no tratamento de úlcera ocular em cães: uma revisão bibliográfica.** Arquivos de ciências veterinárias e zoologia da Unipar, [s. l.], 21 jun. 2023.
- LOBO, T. *et al.* **A CÓRNEA E AS CERATITES ULCERATIVAS EM CÃES: UMA REVISÃO DA ANATOMIA, ETIOPATOGENIA E DIAGNÓSTICO.** ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer, [s. l.], 30 jun. 2021.
- MERLINI, N.B. *et al.* **Uso de plasma rico em plaquetas em úlceras de córnea em cães.** Scielo, [s. l.], 10 jun. 2014.
- MAZZI, Marcelo; DIAS, Mariza. **Ceratite ulcerativa corneana traumática em cão: tratamento com oxigenoterapia hiperbárica.** PUBVET, [s. l.], 3 jan. 2019.
- BAMBIRRA, Ana Letícia *et al.* **Viabilidade microbiológica do soro sanguíneo autólogo como coadjuvante no tratamento de úlceras de córnea em cães (Canis familiaris, LINNAEUS, 1758).** PUBVET, [s. l.], 18 set. 2015.
- VIANA, Danilo; MASSITEL, Isabela; MERLINI, Natalie. **Tratamento de úlcera indolente em cão utilizando de rodamento com Diamond Burr.** Revista de Ciência Veterinária e Saúde Pública, [s. l.], 26 out. 2017.
- RODRIGUES, Ivanilce *et al.* **Descemetocelose associada à distúquia bilateral em cão: Relato de caso.** PUBVET, [s. l.], 13 jul. 2021.